

**PARA O AUTÊNTICO HUMANISMO A PARTIR DO AUTÊNTICO
CRISTIANISMO. A PERSPECTIVA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO, *DOCTOR
HUMANITATIS* E *DOCTOR COMMUNIS ECCLESIAE*¹.**

Cardeal Zenon Grocholewski – Congregação da Educação Católica.

Resumo: 1. A encarnação de Cristo é a raiz profunda, o fundamento seguro e o ápice último do humanismo cristão. Deus se fez homem. Na encarnação repousa a razão suprema e universal para a nova humanidade, para o que a humanidade é, o que a humanidade deseja ser nos seus mais nobres desejos, e o que ela será. A verdade única sobre o homem revelada por Jesus Cristo - “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6) e o “primogênito dentre muitos irmãos” (Rm 8,29) – faz a dignidade do ser humano, *criado à imagem e semelhança de Deus* (cfr. Gn 1,26), brilhar em sua inteireza.

2. O Santo Padre, o Papa João Paulo II, frequentemente reconhecido como *Defensor hominis*, estimou e desenvolveu de modo vigoroso o ensino de Santo Tomás de Aquino no espírito do Concílio Vaticano II (OT, 16, GE, 10). Ele mesmo concedeu ao Doutor Angélico o novo título de *Doctor Humanitatis*, título acrescentado aos de *Doctor Divinitatis* e *Doctor Communis Ecclesiae*. Como filósofo da pessoa, o Papa já demonstrara a sua aproximação filosófica, que era profundamente enraizada na metafísica e antropologia tomistas, da qual se origina a necessidade da ética e da estética. Na encíclica *Fides et Ratio* (43-45), a novidade perene do pensamento de Santo Tomás de Aquino é oferecida na alvorada do terceiro milênio como um experimentado caminho da filosofia e teologia católicas.

3. Santo Tomás de Aquino demonstrou-nos humanismo como filósofo e ainda mais como teólogo; como homem, como cristão e como religioso. O conceito de “pessoa” na doutrina tomista reflete um dos novos aspectos fundamentais do pensamento cristão. Além disso, ao especificar as relações que existem entre filosofia e teologia, Santo Tomás também forneceu *o princípio* para a solução do problema do humanismo cristão. Baseando o mistério do homem no *actus essendi* e reconhecendo a sua capacidade natural de conhecer a verdade, ele aceita o mistério da humanidade integral em sua abertura à transcendência e ao absoluto, no seu ser teológico, *capax Dei*.

4. No alvorecer do terceiro milênio, se apresenta urgentemente, por si mesma, a necessidade para a promoção do genuíno tomismo, aberto ao diálogo com o mundo e capaz de se comprometer numa discussão com as variadas correntes filosóficas atuais; um tomismo que em sua *recta ratio* é diretamente nutrido pelo espírito evangélico do Santo Doutor Angélico. O espírito do equilíbrio tomista deve

¹ Texto publicado originalmente em: GROCHOLEWSKI, Z. “Verso l'autentico umanesimo a partire dall'autentico cristianesimo. La prospettiva di San Tommaso d'Aquino Doctor Humanitatis e Doctor Communis Ecclesiae”, in *Atti del Congresso Internazionale su L'umanesimo cristiano nel III Millennio: la prospettiva di Tommaso d'Aquino*. 21-25 setembro de 2003. Vol. 1. Vaticano: PAST: SITA, 2004, pp. 3-16. Tradução do italiano por Daniel Nunes Pêcego e revisão da tradução por Paulo Faitanin.



ser promovido numa peregrinação entre os povos da terra e participando da nova evangelização.

Palavras-chave: Humanismo cristão, Santo Tomás de Aquino, João Paulo II

Abstract: 1. The incarnation of Christ is the deep root, the sound foundation and the ultimate apex of Christian humanism. God was made man. In the incarnation lies the supreme and universal reason for new humanity, for what humanity is, what humanity wants to be in its noblest wishes and what it will be. The single truth about man revealed by Jesus Christ, “the way, the truth and the life” (*Jn* 14,6), and the “eldest-born among many brethren” (*Rm* 8,29) – makes the dignity of the human being, *created in the image and likeness of God* (Cr. *Gn* 1,26), shine forth in its fullness.

2. The Holy Father John Paul II, often recognized as *Defensor hominis*, has appreciated and developed in a forceful way the teaching of St. Thomas Aquinas in the spirit of Vatican Council II (*OT* 16, *GE* 10). He himself gave the *Angelic Doctor* the new title of *Doctor Humanitatis*, a title added to *Doctor Divinitatis* and *Doctor Communis Ecclesiae*. As a philosopher of the person, the Pope had already drawn up his philosophical approach which was deeply rooted in Thomistic metaphysics and anthropology, from which arises the need for ethics and aesthetics. In the encyclical letter *Fides et Ratio* (43-45), the perennial newness of the thought of St. Thomas Aquinas is offered at the dawn of the third millennium as a proven path of catholic philosophy and theology.

3. St. Thomas Aquinas demonstrated humanism to us as a philosopher and even more as a theologian; as a man, as a Christian, and as a religious. The concept of the ‘person’ in Thomistic doctrine reflected one of the fundamental new features of Christian thought. In addition, by specifying the relations that exist between philosophy and theology, St. Thomas also provided *the principle* for the solution to the problem of Christian humanism. Basing the mystery of man in the *actus essendi*, and recognizing his natural capacity to know truth, he embraced the mystery of integral humanity in its opening to transcendence and the absolute, in its theological being, *capax Dei*.

4. At the dawn of the third millennium the need urgently presents itself for the promotion of genuine Thomism, open to dialogue with the world and able to engage in a discussion with today’s various philosophical currents; a Thomism that in its *recta ratio* is directly nourished by the gospel spirit of the Holy Angelic Doctor. The spirit of Thomistic balance should be promoted, on a pilgrimage amongst the peoples of the earth and participating in the new evangelization.

Keywords: Christian humanism, Saint Thomas Aquinas, John Paul II

Excelência Reverendíssima,
Reverendíssimo Presidente,
Ilustres Acadêmicos Pontifícios,
Professores,
Prezados senhores e senhoras,

Estou particularmente alegre por abrir, com esta conferência introdutória, os trabalhos do Congresso Internacional promovido pela Pontifícia Academia de Santo Tomás e pela Sociedade Internacional Santo Tomás de Aquino no início do terceiro milênio cristão². Aproveito a ocasião para mim propícia, como Prefeito da Congregação da Educação Católica, para exprimir o apreço a tantos quantos trabalham para testemunhar a riqueza do humanismo cristão. O Congresso, de fato, na variedade das disciplinas que competentemente representa, da história às ciências do homem, das disciplinas filosóficas às teológicas, deseja se concretizar como um contributo ao humanismo cristão à luz do ensinamento do Aquinate, que o Santo Padre João Paulo II desejou chamar o *Doctor Humanitatis*³.

A temática, na sua extrema atualidade e amplitude, será tratada sob vários pontos de vista nos dias dedicados ao Congresso. Nesta conferência de introdução, me limitarei, portanto, a algumas considerações de ordem geral sobre o desafio contemporâneo do humanismo em sua aproximação tomista.

Há razões válidas para pesquisar a perspectiva tomista para o mundo contemporâneo partindo do Magistério de João Paulo II, promotor do novo humanismo cristão. Ele, já como filósofo, desenvolvendo o próprio pensamento, tinha sempre presente a doutrina de Tomás, trabalhando o contraste entre ela e o pensamento moderno⁴. Este precioso indício nos permite tomar o pensamento tomista como uma perspectiva de fundo, aberta ao diálogo com o homem de nosso tempo. Além disso, o início mesmo do Pontificado do Santo Padre coincidia com o centenário da encíclica *Aeterni Patris* (04/08/1979) de Leão XIII e tornava-se um programa da presença de Santo Tomás no seu magistério pontifício⁵. Ele, de fato, em setembro de 1980, confirmava expressamente: “desde o início do meu pontificado não

² Ambas as instituições preveem nos próprios estatutos que periodicamente sejam celebrados congressos com o intuito de tratar de questões e problemas que dizem respeito ao homem e à cultura cristã. A Academia celebrou o último em 1990, tratando do tema “Santo Tomás, Doutor em Humanidade”. Por sua vez, a Sociedade Internacional Santo Tomás de Aquino o celebrou em setembro de 1997, com o tema “O problema do homem e o mistério de Cristo”. O presente Congresso que agora abrimos será o X Congresso da Pontifícia Academia de Santo Tomás e o V da Sociedade Internacional.

³ JOÃO PAULO II. *Alocução aos participantes do VIII Congresso Tomista Internacional*, em 13 de setembro de 1980, n. 3g. In AAS 72 (1980), p. 1040. Cf. IDEM. *Carta Apostólica “Inter munera Academicarum”*, de 28 de janeiro de 1999, n. 4. In AAS 91 (1999), p. 850.

⁴ Ainda este ano será editado pela Editora Bompiani um precioso volume que contém todas as obras filosóficas por ele publicadas, com o título “*Metafisica della persona*”.

⁵ Cfr. LOBATO, A. “L’attualità di San Tommaso nel pensiero e nell’insegnamento del Santo Padre Giovanni Paolo II”. In *Doctor Communis*, 40 (1987), pp. 3-28. IDEM. “Juan Pablo II y Santo Tomás Doctor Humanitatis”. In *L’uomo via della Chiesa. Studi in onore di Giovanni Paolo II, Studia Universitatis Sancti Thomae in Urbe*, 32. Milão: Massimo, 1991, pp 13-32.

deixei passar uma ocasião propícia sem retomar a excelsa figura de Santo Tomás”⁶. Na iminência do jubileu do XXV aniversário do pontificado, podemos experimentar o quanto ele permaneceu fiel a este princípio do seu magistério. Um lugar todo particular ocupa nele a carta encíclica *Fides et ratio*, sobre as relações entre fé e razão (14/09/1998), proclamada na proximidade dos cento e vinte anos do documento de Leão XIII, onde repropunha à Igreja o Aquinate como “um autêntico modelo para tantos quantos procuram a verdade”⁷. O promissor desejo do Congresso que iniciamos hoje é dedicado propriamente à tarefa de como inserir a perspectiva tomista no desafio contemporâneo de evangelização de todo homem, redescobrimo e refundando a riqueza do humanismo cristão. Estamos convictos que isso bem se reflete nesta intuição do ensinamento de João Paulo II. O empenho do humanismo cristão hoje não apenas é possível, mas o seu desenvolvimento se apresenta, mais do que nunca, em toda a sua urgência. Por isso quis resumir esta conferência introdutória no título trazido por um discurso de João Paulo II que oferece a sua luminosa análise dos desafios do tempo presente. Partindo do patrimônio conciliar e referindo-se à herança da renovação tomista em ato, ele dizia:

“À luz do Concílio Vaticano II vemos, talvez melhor do que um século atrás, a unidade e continuidade *entre o autêntico humanismo e o autêntico cristianismo*, entre a razão e a fé, graças às diretivas da *Aeterni Patris* de Leão XIII, que com tal documento, que tinha como subtítulo: *De philosophia christiana (...) ad mentem Sancti Thomae (...) in scholis catholicis instauranda*, manifestava a consciência de que havia chegado uma crise, uma ruptura, um conflito ou, ao menos, um ofuscamento acerca da relação entre a razão e a fé”⁸.

Estamos progredindo nas exigentes vias da união *entre o autêntico humanismo e o autêntico cristianismo*, entre a natureza e a graça, entre a razão e a fé e, mais precisamente, entre as ciências e a filosofia, de um lado, e a teologia do outro. O Aquinate permanece, sem dúvida, o modelo excelente para o caminho assim estabelecido, que ele soube percorrer na sua teologia (*sacra doctrina* e *scientia Dei*) e na qual permanece mestre também para a Igreja e para o mundo contemporâneo. O Pontífice dizia no encerramento do IX

⁶ JOÃO PAULO II. *Alocução aos participantes do VIII Congresso Tomístico Internacional*, em 13 de setembro de 1980, n. 1c. In *AAS* 72 (1980), p. 1037.

⁷ JOÃO PAULO II. *Fides et ratio*, 78. Cf. também 43-44 e 57-58.

⁸ JOÃO PAULO II. *Alocução aos participantes do VIII Congresso Tomístico Internacional*, em 13 de setembro de 1980, n. 2b. In *AAS* 72 (1980), pp. 1037-1038.

Congresso Tomista Internacional, que a Santo Tomás, eminente *Doctor Divinitatis* bem “se pode atribuir também a qualificação de *Doctor Humanitatis* em estreita conexão e com uma essencial relação com as premissas fundamentais e com a estrutura mesma da Ciência de Deus”⁹.

De fato, o Aquinate é *Doctor Humanitatis*, enquanto compreende o mistério do homem a partir da ciência divina, ou seja, à luz que parte da Revelação sobrenatural. A *humanitas* é compreendida por Tomás a partir da *humanitas Salvatoris nostri Dei*, que no mistério da Encarnação se revelou ao mundo (Tt 2, 11). A celebração da dignidade humana não é desenvolvida, portanto, em uma perspectiva exclusivamente antropocêntrica, mas, sobretudo, teocêntrica. Nesta perspectiva o humanismo assume a sua forma integral e consegue reconhecer e expressar todas as dimensões da pessoa humana, começando de seus fundamentais valores espirituais, éticos e morais.

O HUMANISMO A PARTIR DA ENCARNAÇÃO – A VERDADEIRA REVIRAVOLTA ANTROPOLÓGICA PARA UM HUMANISMO TEOCÊNTRICO.

Devemos nos perguntar qual é a condição indispensável de um humanismo cristão. E ainda antes: quando podemos falar de um humanismo? Parece que se poderia resumir em dois os pressupostos de um humanismo, que percebe a prioridade do homem a partir da prioridade de Deus, ou filosoficamente falando, da prioridade do Absoluto. O primeiro está na questão da verdade, uma exigência fundamental de todo homem de todos os tempos. O segundo é a consequência da consciência da verdade e se põe propriamente na exigência de uma viva relação entre natureza e graça, entre religião e fé, entre filosofia e teologia. Em ambas as linhas o Doutor Angélico é o guia seguro, como “Apóstolo da verdade”¹⁰ e Doutor da certeza de uma harmonia fundamental entre fé e razão.

1. O homem, na sua natureza, é movido pela paixão da busca pela verdade; observa o Santo Padre: “pode-se definir o homem como aquele que procura a verdade”¹¹. Esta definição basilar é exposta aos perigos do clima contemporâneo, filosófico e cultural, que não raramente nega a capacidade mesma da razão humana em conhecer a verdade, pondo em dúvida que se possa alcançar a realidade imutável a partir do mutável e do cambiável. Opera-se uma redução dramática do racionalismo a uma função instrumental e

⁹ JOÃO PAULO II. *Discurso ao IX Congresso tomístico Internacional*, em 29 de setembro de 1990, n. 2b. In *AAS* 83 (1991), p. 405. Cfr. *IDEM. Alocução aos participantes do VIII Congresso Tomístico Internacional*. Em 13 de setembro de 1980, n. 3g. In *AAS* 72 (1980), p. 1040.

¹⁰ LEÃO XIII. *Aeterni Patris*. In *AAS* 11 (1878-1879), p. 109. Cfr. *Fides et ratio*, 44c.

¹¹ JOÃO PAULO II. *Fides et ratio*, 28.

utilitarista. Perde-se assim o lugar próprio do pensar humano que é o seu natural realismo. Frequentemente a fratura nasce já no nível das perguntas sobre o porvir, que na sua natureza não é originário nem em si contraditório, mas que para a sua compreensão exige uma realidade eterna e imutável. Perdendo o nexos entre contingência e transcendência, pretende-se que a realidade finita e cambiável possa ser autofundante e que possa explicar-se a si mesma¹².

Existe, ao contrário, uma verdade imutável e absoluta, que oferece uma força originalmente realista ao pensamento humano. De outro modo, permanece uma *fé* na absoluta inexistência de verdades eternas e, portanto, uma debilidade lógica de um pensamento que chega a fazer mesmo um enunciado de *per si* absoluto – como aquele da negação da eterna verdade – contradizendo, por sua vez, a sua própria pretensão de não reconhecer a existência dos enunciados absolutos.

Nesta perspectiva negativa cresce a hostilidade contra a metafísica e a dimensão dos primeiros princípios que tocam o sentido mais profundo das coisas. O humanismo fundado sobre estes frágeis pressupostos, renuncia a toda possível relação com a religiosidade da pessoa, com a sua abertura à transcendência, refugiando-se em uma imanência fragmentária e fechada. De fato, a razão reduzida apenas à dimensão científica não se interessa pela fé, porque renunciou ao interesse pelas verdades últimas e definitivas da existência. A limitação da razão à experiência não pode mais do que se fechar sobre o conhecimento parcial e frágil, reduzindo tudo à opinião e a verdades provisórias¹³ e, por conseguinte, comportando uma nova forma de fideísmo voltado para as coisas finitas. Entre estas o homem se encontra entre dois riscos extremos: de um lado, de estar perdido no sem sentido da casualidade e, por outro lado, trazido exasperadamente ao centro do universo, como um seu padrão absoluto.

2. Devemos procurar o verdadeiro denominador de um humanismo que reconheça a centralidade da pessoa humana e não a feche na estrutural fraqueza do pensamento. Para fundamentar corretamente o humanismo cristão é necessário partir do homem, mas não de um homem qualquer, como se apresenta na contingência e limitação, mas antes do homem perfeito que o cristão encontra revelado em Jesus Cristo, Filho do Pai Eterno. Poder-se-ia falar de uma verdadeira reviravolta antropológica que no seu advento se

¹² “Ao invés de exprimir melhor a tensão para a verdade, a razão sob o peso de tanto saber se curva sobre si mesma tornando-se, dia a dia, incapaz de elevar o olhar ao alto para ousar alcançar a verdade do ser” (JOÃO PAULO II. *Fides et ratio*, 5b).

¹³ JOÃO PAULO II. *Fides et ratio*, 5c.

tornou ato para todos; uma reviravolta no aceder ao mistério da humanidade, enquanto o “Filho mesmo de Deus se uniu de certo modo a todo homem”¹⁴.

A encarnação de Cristo é a raiz profunda, o fundamento adequado e o ápice último do humanismo cristão. Deus se fez homem – no fato da encarnação está a suprema e universal razão da humanidade nova, daquilo que a humanidade é, daquilo que quer ser nos seus mais nobres desejos e daquilo que será segundo o desígnio eterno da salvação. A verdade total sobre o homem é revelada apenas por Jesus Cristo, “caminho, verdade e vida” (Jo 14, 6) e “o primogênito dentre muitos irmãos” (Rm 8, 29) – apenas Nele pode resplandecer em plenitude a dignidade do ser humano, criado “à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1, 26).

Com relação ao mistério da encarnação, adverte sabiamente o Doutor Angélico:

“porque não se pode pensar nenhuma obra divina mais admirável do que esta, que o verdadeiro Deus, o Filho de Deus, se tornasse verdadeiro homem; e porque, dentre todas, esta é a obra mais maravilhosa, é justo que todos os outros milagres estivessem ordenados à fé neste acontecimento admirabilíssimo”¹⁵.

O verdadeiro milagre, do qual fala Santo Tomás, é o encontro salvífico da verdade do Deus infinito e bendito com a verdade do homem contingente e pecador. De fato, na exposição da *Summa Theologiae* estas duas verdades – de Deus e do homem – precedem o tratado do primeiro mistério da fé, a sua primeira maravilha, ou seja, a encarnação do Verbo, não tomando, porém, a prioridade. Somente a partir da encarnação se tem acesso à plena verdade de Deus e se permite conhecer perfeitamente a Sua criatura.

O mesmo princípio é perspicazmente retomado por João Paulo II na sua encíclica programática *Redemptor hominis*, onde medita o ensinamento do Concílio Vaticano II:

¹⁴ CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes*, 22. Henri de Lubac exprime esta certeza na sua obra memorável *Il dramma dell'umanesimo ateo* (Milão: Jaca Book, 1992, p. 322): “o cristianismo não nega o homem para afirmar Deus. E não procura nem mesmo um compromisso entre os dois. De fato, a sua revelação de Deus foi uma promoção do homem: este é um dado da história”.

¹⁵ TOMÁS DE AQUINO. *SCG*. IV, 27. Ele faz eco ao princípio aristotélico: “isso que constitui o máximo em um dado gênero parece ser causa das demais coisas que fazem parte dele” (cfr. *Metaphysica* I, 1).

“Na realidade, somente no mistério do Verbo encarnado encontra a verdadeira luz o mistério do homem. (...) Ele revela também plenamente o homem ao homem e lhe faz notar a sua altíssima vocação”¹⁶.

O Papa sublinha com insistência:

“Não se pode compreender o homem bem a fundo sem o Cristo. Ou melhor, o homem não é capaz de compreender a si mesmo bem a fundo sem o Cristo. Não pode entender nem quem é, nem qual é a sua verdadeira dignidade, nem qual seja a sua vocação, nem o destino final. Não pode entender tudo isso sem o Cristo”¹⁷.

Novamente, em uma outra ocasião, ele se detém a perguntar explicitamente: “Não é talvez a Cristologia o fundamento e a primeira condição para a elaboração de uma antropologia mais completa, segundo as exigências dos nossos tempos?”¹⁸.

3. Tudo isso não significa, obviamente, que o pensamento da reta razão deva presumir o dado revelado. Ao contrário, existe um fundamento natural que todo homem pode descobrir e que lhe faz conhecer, ainda que imperfeitamente, as verdades primeiras e eternas, os *preambula* daquilo que é definitivamente revelado em Jesus.

Esta raiz natural para falar do mistério do homem, Tomás a encontra no seu conceito de ser enquanto *actus essendi*. Assim o Santo Padre:

“neste *essere*, na sua dignidade, pensa Santo Tomás quando fala do homem como de alguém que é *perfectissimum in tota natura*¹⁹, uma *pessoa* para a qual ele postula uma atenção específica e excepcional”²⁰.

Não é, porém, o homem que possui por primeiro o *actus essendi*. No rigoroso caminho da *analogia entis* o Angélico se eleva, de perfeição em

¹⁶ JOÃO PAULO II. *Redemptor hominis*, 8b. Cf. CONCILIO VATICANO II. *Gaudium et spes*, 22.

¹⁷ JOÃO PAULO II. *Homília em Varsóvia*, em 02 de junho de 1979, n. 3a. In *AAS* 71 (1979), p. 738. Versão italiana in JOÃO PAULO II. *Insegnamenti* II, 1 (1979), p. 1388.

¹⁸ JOÃO PAULO II. *Alocução à Pontifícia Universidade de Santo Tomás*. Roma, em 17 de novembro de 1979, n. 9a. In *AAS* 71 (1979), p. 1481.

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO. *STh*. I, q.29, a.3.

²⁰ JOÃO PAULO II. *Alocução à Pontifícia Universidade de Santo Tomás*. Roma, em 17 de novembro de 1979, n. 6b. In *AAS* 71 (1979), p. 1478.

perfeição, até o Ato puro²¹, onde se encontra a riqueza infinita e originária do ser. Todo ente criado por participação do seu ser reflete analogicamente a atualidade absoluta do *Ipsum esse subsistens*. Sobre este universal plano metafísico se funda o horizonte da antropologia e de todo o pensamento filosófico de Tomás. O homem, tendo em comum com Deus o *actus essendi* e nele encontrando toda a sua perfeição, é considerado a coroa da criação, a síntese e a medida de todas as formas das criaturas inferiores.

Tomás, já no célebre prólogo ao terceiro livro do *Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo*, fala do homem como de um oceano para o qual tendem todos os rios: estes são recolhidos nas suas águas, unificados e elevados²². Não pode escapar-lhe outro paralelo, retomado do gênio aristotélico, que fala do intelecto humano se torna todas as coisas²³ e que o Aquinate acolhe no *quodammodo omnia*²⁴. Tal centralidade em meio à criação não é, porém, um fim em si mesmo. Arriscar-se-ia permanecer apenas uma multidão de verdades parciais. O criado é subordinado ao homem, somente enquanto é atestada a maior nobreza da natureza humana com relação aos outros entes finitos. A superioridade brota da alma humana, *quase horizonte e limite*. Tomás ensina que: “*anima humana... in confinio corporum et incorporearum substantiarum, quae in horizonte existens aeternitatis et temporis, recedens ab infimo appropinquat ad summum*”²⁵. O humanismo tomista respira toda a riqueza do homem concentrada e recapitulada no horizonte metafísico e transcende à sua alma unida ao corpo.

²¹ TOMÁS DE AQUINO. *STb*. I, q.4, a.1

²² “Ista flumina in aliis creaturas inveniuntur distincta; sed in homine inveniuntur quodammodo aggregata: homo enim est quasi horizon et confinium spiritualis et corporalis naturae, ut quasi medium inter utrasque, bonitates participet et corporales et spirituales; unde et omnis creaturae nomine homo intelligitur. Marc. ult. ubi dicitur: *praedicate Evangelium omni creaturae*; ut beatus Gregorius exponit: et ideo quando humana natura per incarnationis mysterium Deo conjuncta est, omnia flumina naturalium bonitatum ad suum principium reflexa redierunt, ut possit dici quod legitur Josue 4,17: *reversae sunt aquae in alveum suum, et fluebant sicut ante consueverant*; unde et hic sequitur: *ut iterum fluant*: in quo notatur incarnationis fructus: ipse enim Deus, qui naturalia bona influxerat, reversis quodammodo omnibus per assumptionem humanae naturae in ipsum, non jam Deus tantummodo, sed Deus et homo hominibus fluentia gratiarum abundanter influxit: quia *de plenitudine ejus omnes accepimus, gratiam pro gratia*: Joan. 1, 16” (TOMÁS DE AQUINO. *In III Sent., Proemium*).

²³ *De anima*, III, 5: 430 a 15 e III, 8: 431 b 20.

²⁴ *De anima*, III, 5; TOMÁS DE AQUINO. *SCG.*, III, c.112; TOMÁS DE AQUINO. *De veritate*, XVIII, 4, ad 6. João Paulo II explica significativamente “*anima humana est quodammodo omnia*”, como a necessidade de “universalização” que há em nós. JOÃO PAULO II. *In Alocução aos universitários romanos*, em 05 de abril de 1979, n. 3a. *In AAS* 71 (1979), p. 566.

²⁵ TOMÁS DE AQUINO. *SCG*, II, 81; cfr. II, 68: “*anima intellectualis dicitur esse quae quidam horizon et confinium corporeorum et incorporeorum, in quantum est substantia incorporea, corporis tamen forma*”.

Ela oferece o princípio unificador da experiência do *homo viator*, que experimenta em si um *confinium*, o fim da materialidade e um *exordium*, um início da transcendência eterna.

4. A grande idéia humanística abre também, como um programa de ação humana, o prólogo da *Prima Secundae* da *Summa Theologiae*, onde se diz:

“postquam predicatum est de Deo, restat ut consideremus de eius imagine, idest de homine, secundum quod et ipse est suorum operum principium, quasi liberum arbitrium habens et suorum operum potestatem”²⁶.

Sobre esta base, o humanismo tomista contém em si o imperativo de tender à verdade e de agir na verdade. O Papa assim o expressa: “decisivo é somente o fato de que o homem se submeta no seu agir à *verdade*, que ele não determina, mas descobre somente na natureza, dada a ele junto com o ser”²⁷. Esta verdade não é destruída nem mesmo no drama do pecado. O grande limite moral da criatura ofusca, mas não tira a semelhança com Deus. Como se vê, para Tomás não é possível permanecer somente no nível da causalidade e participação, ele que é “teo-logo”, estuda o homem na origem do amor divino, difusivo de si, criador, mas ainda mais recriador na Redenção operada por meio do Filho unigênito. Ele

“revela em tudo o complexo pessoal e concreto do ser, do conhecimento e da ação de que se compõe o homem, necessitado de salvação. (...) contém uma plena revelação do mundo pessoal e da ordem pessoal do mundo.”²⁸

O desafio do agir na verdade é ligada à liberdade. “Verdade e liberdade, ou se conjugam juntas ou juntas miseravelmente perecem”²⁹. A liberdade em um humanismo integral não é simples capacidade de escolher entre os indiferentes, é antes uma contínua conquista, uma capacidade sempre maior de conseguir o próprio fim, conforme à verdade da natureza e à verdade revelada nas duas naturezas da Pessoa de Cristo.

²⁶ TOMÁS DE AQUINO. *STh*. I-II, *Prologus*.

²⁷ JOÃO PAULO II. *Alocução à Pontifícia Universidade de Santo Tomás*. Roma, em 17 de novembro de 1979, n. 9c. In *AAS* 71 (1979), p. 1481.

²⁸ WOJTYLA, K. “*L’evangelizzazione e l’uomo interiore*”. In CENTRO ROMANO DI INCONTRI SACERDOTALI. *Documenti* 19 (1975), pp. 3-19, aqui p. 9.

²⁹ JOÃO PAULO II. *Fides et ratio*, 90.

5. À luz de tudo isso, permanecem proféticas as palavras do grande discípulo de Tomás, Jacques Maritain; já na primeira metade do século passado ele escrevia que “o dever dos cristãos é o de salvar as verdades “humanísticas” desfiguradas nos últimos séculos por um humanismo antropocêntrico”³⁰ e acrescentava que,

“o novo humanismo (...) é tanto mais humano quanto não adora o homem, mas respeita realmente e efetivamente a dignidade humana e faz justiça às exigências integrais da pessoa (...) como orientado para uma realização sócio-temporal daquela atenção evangélica para com o humano (...) que deve se encarnar.”³¹

Exatamente frente à inevitável ruína dos humanismos parciais do pensamento antimetafísico, é necessário repropôr o universalismo do Evangelho. Nesta obrigação, dirá enfaticamente Maritain, Santo Tomás é muito grande para caracterizar uma época apenas³² e, portanto, na integridade evangélica de sua doutrina, é proposto para os tempos novos.

O CENTRO DO HUMANISMO CRISTÃO E TOMISTA – A VERDADE DA PESSOA ENTRE A FÉ E A RAZÃO.

1. Na reflexão de Tomás, o humanismo cristão acolhe a visão íntegra do homem nos seus valores naturais e sobrenaturais. Neste sentido,

“a exigência da razão e a força da fé encontraram a síntese mais alta que o pensamento jamais alcançara, por quanto ele soube defender a novidade radical trazida pela Revelação sem nunca humilhar o caminho próprio da razão”³³.

O revelado não é antitético ao espírito humano, mas tampouco o supremo cumprimento. Tomás elabora aquele equilíbrio evangélico que está entre a graça e natureza, em que a graça sempre supera infinitamente a contingência criatural, mas não humilha nem anula a natureza da criatura,

³⁰ MARITAIN. J. *Humanisme integral. Problèmes temporels et spirituels d'une nouvelle chrétienté*. Paris: Aubier, 1936, p. 81; trad. ital. *Umanesimo integrale*. Roma: Borla, 2002, p. 118.

³¹ MARITAIN. J. *Humanisme integral*, p. 15; trad. ital. *Umanesimo integrale*, p. 62.

³² MARITAIN. J. *Humanisme integral*, p. 22; trad. ital. *Umanesimo integrale*, p. 69.

³³ JOÃO PAULO II. *Fides et ratio*, 78; cf. 57-59.

especialmente humana, íntegra e livre³⁴. Se as duas esferas permanecem distintas em sua essência, são, porém, capazes de constituir o homem na sua inteira unidade aberta e dirigida à vida eterna³⁵.

O *Doctor Communis* determinando as relações entre a filosofia e teologia, dá o princípio para a solução do problema do humanismo cristão, partindo da questão geral da legitimidade e utilidade da ciência e da cultura na vida cristã. Ele tem o mérito de

“por em primeiro plano a harmonia que se dá entre a razão e a fé. A luz da razão e aquela da fé provêm ambas de Deus, argumentava ele; por isso, não podem contradizer-se entre elas”³⁶.

Havíamos observado anteriormente a fuga da razão do campo da verdade e do seu raciocínio natural. Uma cultura, naquele sentido, antimetafísica, não permanece sem influxo na relação com a fé³⁷, que é fechada sistematicamente em si mesma, expulsa para fora da razão em direção ao subjetivismo privado e intimista. Uma cultura que nega o homem enquanto “*capax Dei*” e uma sociedade que tenta viver “*etsi Deus non daretur*”, em última análise arranca do humanismo a sua raiz interna e não pode se considerar humanista no sentido pleno do termo.

Somente em um amplo horizonte, o homem se apresenta nas suas várias expressões do ser integral da pessoa, na sua profunda relação com a comunidade em meio a qual cria a cultura e se descobre como um ser essencialmente “teo-logical”. Existe a viva urgência de propor ao mundo a identidade da pessoa, sem reducionismos, mas com a coragem da totalidade³⁸.

³⁴ Segundo o famoso adágio; “a graça supõe e aperfeiçoa a natureza humana” (TOMÁS DE AQUINO. *STh.* I, q.1, a.8, ad.2).

³⁵ TOMÁS DE AQUINO. *STh.* I, q.1, a.1; TOMÁS DE AQUINO. *ScG I*, cc.4-5.

³⁶ JOÃO PAULO II. *Fides et ratio*, 43a; cfr. TOMÁS DE AQUINO. *ScG I*, 7.

³⁷ H. de Lubac resumia em sua obra *Le drame de l'humanisme athée*: “Cada época quer também renovar o princípio dos ataques contra a fé. (...) Isso também se passa sobre o terreno metafísico. A existência mesma de uma realidade superior às coisas deste mundo é então negada ou declarada incognoscível; o pensamento se isola em posições imanentes; ou então, ao contrário, invadir o campo inteiro do ser e nada deixar fora dos limites de uma razão que deve tudo compreender: e, por conseguinte, sem prejuízo de objeções mais particulares contra aquele ou este dogma, a idéia mesma de um mistério a crer que desaparece” (3 ed. revista e aumentada. Paris: Spes, 1945, p. 115. Trad. ital. *Il dramma dell'umanesimo ateo*. Milão: Jaca Book, 1992, p. 95).

³⁸ Cfr. LOBATO, A. “*I sentieri aperti per un nuovo umanesimo*”. In *Rivista Teologica di Lugano*, 11 (2000), pp. 443-461.

2. Nos ambientes cristãos e também naqueles tomistas, era feito o diagnóstico da nossa sociedade contemporânea como uma sociedade “sem pais e sem mestres”³⁹, para tomar nesta imagem a crise das autoridades indispensáveis para a formação e a promoção da pessoa. Por isso, o próprio tempo de crise tem necessidade das propostas exigentes e radicalmente positivas. Vem em nossa ajuda a doutrina de Santo Tomás; exatamente ele, homem de Deus, “pode se considerar um autêntico pioneiro do moderno realismo científico”⁴⁰, pioneiro de uma das características tão caras ao mundo contemporâneo. O seu teocentrismo não se dá com prejuízo do realismo de algum gênero nem de um justo antropocentrismo humanista⁴¹, antes, lhes sustenta a ambos e reforça, porque assegura a origem. A sua doutrina é a verdade teológica do Pai e exige uma pedagogia dos verdadeiros mestres do homem⁴².

PARA UM NOVO ÍMPETO DO HUMANISMO NAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS.

Não se trata, portanto, somente de uma busca exclusivamente histórica sobre o pensamento tomista, mas da complexa formação de uma nova *forma mentis* das jovens gerações, que garanta a capacidade de abertura e de diálogo na percepção da riqueza e do valor universal do pensamento tomista que Paulo VI chamava “filosofia natural da mente humana”. Tal perspectiva não

³⁹ Ver, dentre outros, MITSCHERLICH, A. *Verso una società senza padri*. Milão: s\ed., 1977; SEIDL, H. “Teologia del Padre e società senza padri”. In *La nuova evangelizzazione e il personalismo cristiano*. Bolonha: *Studio Domenicano*, 1994, pp. 151-167; LOBATO, A. “La persona en Santo Tomás de Aquino”. In *Ius publicum*, 6 (2001), pp. 11-31, aqui p. 13.

⁴⁰ JOÃO PAULO II. *Alocução aos participantes do VIII Congresso Tomístico Internacional*, em 13 de setembro de 1980, n. 3b. In *AAS* 72 (1980), p. 1039.

⁴¹ Como ensina João Paulo II: “o homem, na plena verdade de sua existência, do seu ser pessoal e também do seu ser comunitário e social – no âmbito da própria família, no âmbito de sociedades e de contextos tão diversos, no âmbito da própria nação ou povo (e, talvez, ainda apenas do clã ou tribo), no âmbito de toda a humanidade – este homem é a primeira estrada que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão: ele é o primeiro e fundamental caminho da Igreja, caminho traçado pelo próprio Cristo, caminho que imutavelmente passa através do mistério da encarnação e da redenção” (JOÃO PAULO II. *Redemptor hominis*, 14a), o que se compreende à luz de Jesus Cristo, que “é o caminho principal da Igreja. Ele mesmo é o nosso caminho ‘para a casa do Pai’ (Jo, 14,1ss.) e é também o caminho de todos os homens. Sobre este caminho que conduz do Cristo ao homem, sobre esta via sobre a qual Cristo se une a cada homem, a Igreja não pode se fechar a ninguém. Esta é a exigência do bem temporal e do bem eterno do homem” (*Ibidem*, 13b).

⁴² Tomás é o autor não apenas da importante questão disputada *De magistro* (Questão 11. In *Le questioni disputate*, vol. II: *La verità*. COGGI, R. (ed.). Bolonha: *Studio Domenicano*, 1992, pp. 164-213), mas de toda uma pedagogia do real, que não pode ser subavaliada.

pode ser realizada sem um sério estudo de todos os âmbitos do pensamento humanista do Aquinate, que o Congresso se propõe desenvolver como a eloquente expressão das pesquisas dos discípulos contemporâneos de Tomás. Ela pode levar a um renovado projeto de formação da pessoa a partir da riqueza da doutrina tomista, a ser feito em vários níveis da vida da Igreja, começando pela vida universitária, como um local privilegiado de encontro entre a fé e razão e, portanto, do cultivo da *humanitas* integral.

Deseja-se uma renovada pedagogia para o humanismo que, se se pretende autêntica, não pode se distanciar da autenticidade do próprio cristianismo. Por um lado, como ensina João Paulo II,

“a filosofia de Santo Tomás merece atento estudo e aceitação convicta (...), por causa de seu espírito de *abertura* e de universalismo, característica que é difícil de encontrar em muitas correntes do pensamento contemporâneo”⁴³,

e também, por outro lado, a partir do valor universal do ser, como o concebe o Aquinate, se deseja, retomando o próprio encorajamento do Pontífice, que as outras correntes filosóficas são

“consideradas como aliadas naturais da filosofia de Santo Tomás, e como parceiras dignas de atenção e de respeito no diálogo que se desenvolve com relação à realidade e em nome de uma verdade não mutilada em si mesma”⁴⁴.

O Magistério da Igreja não hesitou em repetir que tal abertura é conatural à doutrina tomista, merecendo ser escolhida como guia segura e privilegiada nas disciplinas teológicas e filosóficas.

Não nos cansaremos de repetir sobre a urgência de uma renovação da formação das novas gerações em um caminho comum ao Evangelho e a cultura do homem. Santo Tomás é a testemunha privilegiada da possibilidade do entusiasmo que representa a paixão pela verdade. Com efeito,

“a base do seu sistema, compreensivo para com todos, sem deixar de ser sinceramente crítico, toda vez que sentia dever fazê-

⁴³ JOÃO PAULO II. *Alocução à Pontifícia Universidade de Santo Tomás*. Roma, em 17 de novembro de 1979, n. 6b. In *AAS* 71 (1979), p. 1478.

⁴⁴ *Ibidem*, n. 7. In *AAS* 71 (1979), p. 1480.

lo, e o fez corajosamente em muitos casos, está na própria concepção da verdade”⁴⁵.

Uma verdade, porque não permanece apenas no nível da parcialidade e imperfeição até o perigo de uma distorção, exige uma fidelidade ao autêntico humanismo cristão, expresso na simbiose que Tomás promove, onde “à fidelidade à voz das coisas, na filosofia, corresponde (...) a fidelidade à voz da Igreja na Teologia”⁴⁶.

Isso ensina o mesmo Pontífice, explicando a profunda intenção do Concílio Vaticano II no que diz respeito às diretivas sobre a aproximação nos estudos a Santo Tomás de Aquino⁴⁷. Ele diz:

“sem dúvida, o Concílio quer encorajar o desenvolvimento dos estudos teológicos e reconhecer aos seus cultores um legítimo pluralismo e uma sã liberdade de pesquisa, mas com a condição de se manterem fiéis à verdade revelada, contida nas Sagradas Escrituras, transmitida na Tradição cristã, interpretada autorizadamente pelo Magistério da Igreja e teologicamente aprofundada pelos Padres e pelos Doutores, sobretudo por Santo Tomás”⁴⁸.

Se constataremos, não raramente, uma crise nas instituições acadêmicas, onde a educação e a pesquisa parecem estar reduzidas ao conhecimento dos meios, relegando completamente os fins e valores e postulando uma cultura “neutra”, que não se põe as perguntas fundamentais, fechando-se a um “fazer” e, em consequência, a um “ter”, sem unir nunca ao “ser”; devemos também reconhecer o fato de uma sempre mais viva tensão e busca por parte das jovens gerações dos modelos do pensar que, no próprio realismo, são capazes de formar o homem, revelando o profundo sentido da vida. Neste âmbito se nota em muitos o sempre mais crescente interesse por Santo Tomás de Aquino que cabe a vós aumentar e conduzir ao serviço cotidiano do autêntico humanismo cristão. É também significativo que muitas universidades católicas tenham tomado o próprio nome de Santo Tomás de Aquino, inclusive entre as universidades mais recentes.

⁴⁵ JOÃO PAULO II. *Alocução aos participantes do VIII Congresso Tomístico Internacional*, em 13 de setembro de 1980, n. 3f. In *AAS* 72 (1980), p. 1040.

⁴⁶ *Ibidem*, n. 4a. In *AAS* 72 (1980), p. 1041.

⁴⁷ CONCÍLIO VATICANO II. *Optatam totius*, 16c; *Gravissimum educationis*, 10a.

⁴⁸ JOÃO PAULO II. *Discurso ao IX Congresso Tomístico Internacional*, em 29 de setembro de 1990, n. 5b. In *AAS* 83 (1991), p. 408.



Concluindo, gostaria de exprimir ainda os meus vivos desejos de sucesso a todos os participantes e relatores do Congresso no seu elevado objetivo de cooperar na promoção de um novo humanismo, radicado no Cristo Redentor e fecundado pela Sua graça, sob o ensinamento do Mestre Tomás. É o humanismo que necessita do exemplo e da intercessão do *Doctor Humanitatis* que o Magistério reconheceu naquele que é chamado também de *Doctor Divinitatis* e *Doctor Communis Ecclesiae*.